

O Rap em Piracicaba: O Passado e o Presente do Ritmo que Muda Futuros¹

Rodrigo ALONSO²

Clara GRIZOTTO³

Lucas JACINTO⁴

Leon BOTÃO⁵

Aline SORIANI⁶

Prof. Ms. Luiz Antonio Veloso SIQUEIRA⁷

Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP

RESUMO

Este artigo faz um relato sobre a produção da reportagem “Rap em Piracicaba: O passado e o presente do ritmo que muda futuros”, realizada para a disciplina de Radiojornalismo II, do 4º semestre do curso de Jornalismo, da Unimep, feito na segunda metade de 2013. Por meio do estudo da técnica de produção de reportagens para rádio, foram desenvolvidas pautas, estudo do objeto e o registro do movimento hip-hop em Piracicaba.

PALAVRAS-CHAVE: cultura de rua; rap; hip-hop; rádio jornalismo; reportagem radiofônica.

1 INTRODUÇÃO

A reportagem de rádio reúne, de maneira aprofundada, histórias e fatos do cotidiano, com o objetivo de transmitir informação de interesse público. No caso do trabalho feito sobre o rap em Piracicaba, não foi diferente: a reportagem feita pelo grupo expõe uma cultura que nem todos conhecem profundamente, mas que muda a vida de muitas pessoas. Ritmo e poesia formam a base do rap, explorado, em Piracicaba, pela Casa do Hip-Hop, um dos centros culturais da cidade.

A batida e as rimas também são vistas na Batalha Central, realizada sempre na praça central do município, onde os MC’s, que são os cantores deste estilo musical, batalham entre si com ofensas inteligentes e, às vezes engraçadas, e buscam a aceitação da plateia. A reportagem ainda mostra as origens do rap e como o gênero musical se desenvolveu em Piracicaba.

¹Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Radiojornalismo.

²Aluno líder e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da Unimep, email: rodrigo.alonso_@hotmail.com

³Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da Unimep, email: claragagri@gmail.com

⁴Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da Unimep, email: lucazedge@hotmail.com

⁵Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da Unimep, email: lbotao@gmail.com

⁶Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da Unimep, email: alinesoriani@gmail.com

⁷Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Unimep, email: lveloso@unimep.br

2 OBJETIVO

O objetivo do estudo e realização de reportagens radiofônicas é colocar em prática a teoria da sala de aula por meio da execução de uma reportagem real, trabalhando com fontes da sociedade. A vivência dos estudantes com a experiência de produção, captação e locução de uma reportagem é uma maneira de aprendizagem no desenvolvimento de um formato do gênero jornalístico que recebe inovações constantemente.

3 JUSTIFICATIVA

Após a insurgência do rap nacional nos últimos anos, o hip-hop saiu das periferias das grandes e pequenas cidades, tornando-se cultura de massa. Onde não existia tanto a música quanto o movimento, hoje existe, e nas cidades onde a cultura de rua estava estagnada, a centelha trouxe de volta o rap para as ruas. A reportagem “Rap em Piracicaba - O passado e o presente do ritmo que muda futuros” foi a maneira encontrada para documentar a história do rap na cidade, assim como o que acontece hoje e quais serão os rumos do cenário atual. Por meio de reportagem radiojornalística, foram entrevistadas fontes que participaram do movimento há duas décadas e que ainda participam, sendo produtores musicais, professores escolares e os jovens e adolescentes que iniciam suas jornadas como MC’s. As pautas e assuntos abordados na reportagem foram divididos entre os integrantes do grupo afim de que cada pudesse se aprofundar no tema que apurou e também ter a experiência de locução na reportagem.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O rádio é um dos meios de comunicação mais difundidos e utilizados da atualidade, sendo hoje recebidos em várias plataformas, como os aparelhos de rádio, a internet e o celular. Em sua função mais básica, está o Radiojornalismo, prática aplicada para difundir as mais diversas notícias neste meio.

O radiojornalismo aborda temas de utilidade pública, como política, serviço, cultura e notas policiais. Mas a escolha deste conteúdo passa pela análise e seleção de uma equipe com preparo específico, os jornalistas, como defende Heródoto Barbeiro, em seu livro "Manual do Radiojornalismo".

“Há necessidade de participação coletiva na escolha dos temas e entrevistas. Muitas vezes um bom assunto passa por todo mundo e ninguém se lembra de abordá-lo. Por isso, mais uma vez, é preciso não esquecer que jornalismo se faz em equipe. Jornalistas oniscientes ainda não existem”. (BARBEIRO, 2003, p. 68)

O trabalho elaborado por estas equipes garante que o conteúdo jornalístico seja de qualidade e relevância. De nada adianta uma produção radiofônica ter a melhor captação e edição de áudio, quando o conteúdo não transmite conhecimento.

“É uma clara distorção reduzir o radiojornalismo a uma série de regras técnicas e práticas e abandonar o núcleo consubstanciado no jornalismo. A forma não pode se sobrepor ao conteúdo”.
(BARBEIRO, 2003, p. 13)

Conforme descreve o jornalista e pesquisador Flávio Falciano, em seu artigo "Radiojornalismo no Brasil: Sexagenário e Revitalizado", publicado pela Revista Imes em 2001, as grandes emissoras sentiram a necessidade de investir e valorizar as grandes reportagens em sua grade de programação, como forma de aprofundar o conteúdo difundido e fidelizar os ouvintes. Desde o final dos anos 90 essa vem sendo uma característica cada vez mais comum e aprimorada, já que com o passar do tempo os jornalistas aprenderam a lidar com essas produções amplas e, muitas vezes densas, de maneira concisa é de fácil compreensão. Desta forma, segundo Falciano, as grandes reportagens em rádio unem a investigação e a velocidade.

"O objetivos dos diretores de redação tem sido extrapolar os fatos do dia, investindo cada vez mais no jornalismo investigativo, aproveitando-se das características técnicas que permitem ao rádio dar as notícias antes dos demais meios de comunicação".
(FALCIANO, 2001)

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Rap, sigla para as palavras inglesas *rhythm and poetry*, mantém seu verdadeiro sentido também no Brasil, como o gênero musical que vem das periferias trazendo ritmo e poesia. Juntamente do DJ, do *breakdance* e do grafite, o rap compõe os quatro elementos do movimento hip-hop. Historicamente, desde seu surgimento nas periferias de Nova York, Estados Unidos, nos anos 1970, em todo o lugar onde o hip-hop alcançava, ele servia como válvula de escape para criticar a sociedade e retratar a triste realidade que cerceava seus integrantes. Racismo, desemprego, drogas, violência e discriminação social são até hoje as principais reivindicações que, transformadas em versos, podem ser encontradas nas músicas de rap.

Com seu berço brasileiro em São Paulo, o ritmo balançou o Brasil entre os anos 1980 e 1990, mas posterior a isso, teve seu público reduzido nas últimas duas décadas, resumido estreitamente aos bairros de periferia das grandes e pequenas cidades. Perdeu-se um pouco do que seria o movimento hip-hop, assim como a força do mesmo enquanto movimento

social, articulador de ações populares. Em contrapartida, nos últimos quatro anos, com a insurgência do movimento hip-hop por meio dos MC's, como Emicida, Criolo Doido e os veteranos Racionais MC's, o rap ganhou espaço nacional nas redes sociais, na televisão e nas rádios.

Hoje, o rap é cultura de massa, ainda amplifica o grito das periferias e contesta a sociedade, mas seu alcance chegou a todas as classes sociais e bairros das cidades. Em Piracicaba, não foi diferente. Na década de 1990, a cidade assistiu aos dias dourados do movimento hip-hop apesar da truculência entre a sociedade e os integrantes do movimento por conta do preconceito. Mas assim como na grande São Paulo, o rap voltou para suas raízes – as periferias – e lá ficou por um bom tempo.

Em 2009, o cenário do rap voltou a engatinhar em Piracicaba, com a criação da Batalha Central. Segundo muitos integrantes do movimento hip-hop, as batalhas de rima são o berço de muitos MC's. Por meio de rimas improvisadas, dois MC's se enfrentam com ofensas inteligentes, que contextualizam a realidade em que vivem, e as melhores rimas são escolhidas pela própria plateia. O MC que conseguir cativar mais os espectadores vence. A Batalha Central, desde sua criação, segue esta linha.

Mas não foi apenas pela música ou por improvisações que o rap de Piracicaba voltou às ruas de toda a cidade. Neste mesmo período, um centro comunitário da cidade, anos esquecido pelo administrativo, voltava à ativa, mas com o viés de além de servir a comunidade, ser palco para a cultura hip-hop. A Casa do Hip-Hop de Piracicaba é fundamental no resgate da cultura de rua e na manutenção da ideologia e das ações do movimento hip-hop da cidade. Ao mesmo tempo, Emicida, Kamau, Marechal e outros MC's de destaque na atualidade passaram a se apresentar no município. A centelha se acendia, e já era hora de tudo voltar a acontecer de novo.

Agora, existem dois coletivos de batalhas de rimas em Piracicaba. A Casa do Hip-hop realiza atividades voltadas à comunidade do bairro Pauliceia, tanto para politização quanto entretenimento cultural, sempre inserindo a o hip-hop como ferramenta de união, o que acarreta na conectividade entre todas as partes da cidade. Além disso, o rap em Piracicaba representa hoje, uma forma dos jovens se expressarem, se politizarem, trocarem experiências e refletirem juntos para realizar ações em prol de dias melhores. E isso tudo, sem divergências por classe social, etnia ou crença.

Tendo em vista todo este contexto, que fora estudado por alguns integrantes do grupo, e presenciado já há alguns anos por outros, fora compreendido que uma reportagem

radiojornalística cumpriria seu dever social de documentar para o ouvinte algo tão importante que ocorre dentro de sua própria cidade. Levando em consideração que uma reportagem de rádio deve abordar diversos pontos de vista sobre um mesmo assunto para que assim possa cativar o ouvinte, assim o fizemos.

Com pautas diferentes, foram abordados os principais elementos identificados para que pudesse ser registrada a história desse movimento cultural em Piracicaba. A história que o rap já teve na cidade, o público, os MC's mirins, a história da Casa do Hip-hop de Piracicaba e a visão da sociedade, foram os pontos focados pelas reportagens.

Fora necessário a imersão de todo o grupo dentro deste universo que, articulado pela música, reúne muitos jovens para outras atividades, que vão muito além de um estilo de vida derivado de um estilo musical. A cada fonte entrevistada era assimilado um pedaço do quebra cabeça que compõem a história do rap na cidade. Uma fonte indicava outra fonte. Espectadores do cenário, personagens ativos, realizadores, organizadores, professores com alunos que participam dos eventos de rap, a família de garotos – promissores MC's, a conscientização, o esperte, a cidadania, o movimento, todas essas coisas foram interligadas pelo registro da reportagem, tal qual são interligadas pelo próprio movimento hip-hop.

6 CONSIDERAÇÕES

Além de conhecer e vivenciar as técnicas e métodos de reportagem de rádio, o grupo teve a chance de se aprofundar em um ritmo que faz parte da vida de muitas pessoas e serve como um pontapé inicial para mudanças de comportamento e atitude. Melhor rendimento na escola, manifestação de opinião sobre diversos assuntos por meio das rimas e uma oportunidade de escapar da criminalidade estão entre as histórias mostradas pela reportagem.

O grupo não aprendeu apenas como trabalhar na área e exercer a profissão de jornalista com ética e veracidade, mas também aprendeu como se faz música com poucos instrumentos e a função que o gênero musical estudado desempenha na sociedade, principalmente nas áreas mais pobres e com menos instrução, ou seja, com mais necessidade de possibilidades que possam conduzir os moradores para um caminho cultural.

As entrevistas realizadas e os locais frequentados pelo grupo durante a produção do trabalho também serviram como experiência, assim como a edição da reportagem, o processo de locução e a produção da lauda, fundamental para orientar os narradores no momento da gravação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto & LIMA, Paulo R. de. **Manual de Radiojornalismo: Produção, Ética e Internet**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BETTI, Juliana Cristina Gobbi. **Radiojornalismo e Linguagem: As transformações nos modelos de rádio informativo**. Universidade Federal de Santa Catarina.

FALCIANO, Flávio. **Radiojornalismo no Brasil: Sexagenário e Revitalizado**. Revista Imes, 2001.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

LOPEZ, Debora. **Estudar radiojornalismo na era digital: Uma revisão metodológica**. 5º SBPJo 2007.

LÓPEZ VIGIL, José Ignacio. **Manual Urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2003.